

Contributo para o conhecimento da alimentação eborense em contextos modernos

estudo dos materiais zooarqueológicos do Colégio do Espírito Santo

Maria João Valente^{a,®}, Fábio Jaulino^b, Inês Amaral^c, António Diniz^d, Inês Ribeiro^e, e Leonor Rocha^f

^aUniversidade do Algarve; CEAACP

^bMestrando de Arqueologia /Universidade de Évora

^cMestranda de Arqueologia /Universidade de Évora

^dMestrando de Arqueologia /Universidade de Évora/ CHAIA

^eUniversidade de Évora; CHAIA/ Doutoranda Arqueologia

^fUniversidade de Évora/CHAIA

®Contacto: mvalente@ualg.pt

Resumo

Apresenta-se neste trabalho o conjunto arqueofaunístico recolhido na abertura de uma sondagem para a colocação de grua de grandes dimensões para apoiar os trabalhos de conservação e restauro das coberturas do Colégio do Espírito Santo, edifício principal da Universidade de Évora.

A área intervencionada foi reduzida e atingiu apenas a profundidade necessária à obra (1 m) pelo que os contextos observados são, nalguns casos, resultado de obras recentes, mas, noutros, apresentavam-se bastante definidos, separados por vários níveis de pavimento. Em termos gerais registou-se a presença de um conjunto de faunas associadas ao quotidiano eborense, na sua maioria decorrente de despejos de restos alimentares, balizados entre os sécs. XVI e XIX.

A coleção estudada, com 285 restos determinados, é relativamente homogénea, apesar de apresentar alguma variabilidade na abundância relativa das principais espécies animais.

Foram identificados mamíferos, aves, réptil (cágado), peixe e moluscos. A maioria dos restos pertence a mamíferos domesticados, de médio e grande porte, salientando-se, por ordem a abundância, os caprinos (nomeadamente a ovelha), os bovinos e os suínos. A estes acrescem equídeos, coelhos, lebres e vários carnívoros (cão, gato, raposa e toirão). Nas aves predomina a galinha, acompanhada do pato e da perdiz. Os moluscos estão representados pela amêijoia, ostra, vieira e *Acanthocardia*.

A maioria dos mamíferos e das aves foram abatidos em idade sub-adulta e/ou adulta para consumo humano, sendo que as evidências apontam para processamento associado a ensopados e/ou cozidos.

Palavras-chave

Zooarqueologia | Dieta | Idade Moderna/ Contemporânea | Colégio do Espírito Santo | Évora

Abstract

This work presents the archaeofaunal assemblage collected during the excavation of a trench for the installation of a large crane to support conservation and restoration work on the roofs of the College of the Holy Spirit, the main building of the University of Évora.

The excavated area was small and limited to a depth required for the construction (1 m). As a result, the observed surroundings are, in some instances, a consequence of recent construction activities, while in others, they were clearly defined and separated by multiple pavement levels. The overall findings show the presence of a set of faunas associated with the daily life of Évora, mostly resulting from the disposal of food remains, dated between the 16th and 19th centuries.

The studied collection, consisting of 285 identified remains, is relatively homogeneous, although there is some variability in the relative abundance of the main animal species. Mammals, birds, reptiles (turtle), fish, and mollusks were identified. The majority of the remains belong to domesticated mammals of medium and large size, with goats (especially sheep), cattle, and pigs being the most abundant in that order. Additionally, there are horses, rabbits, hares, and various carnivores (dogs, cats, foxes, and weasels). Among birds, chickens predominate, followed by ducks and partridges. Mollusks are represented by clams, oysters, scallops, and *Acanthocardia*.

Most mammals and birds were slaughtered at a sub-adult and/or adult age, with evidence suggesting processing for stews or other boiled meals.

Keywords

Zooarchaeology | Diet | Modern/Contemporary Age | Colégio do Espírito Santo | Évora

1. Introdução

Apresentamos neste trabalho os resultados do estudo dos materiais faunísticos recolhidos na sondagem arqueológica efetuada da área de implantação da uma sapata para grua de apoio ao projeto de «Substituição da cobertura e estrutura de suporte na zona envolvente ao pátio da Reitoria do Colégio do Espírito Santo» em Évora ($38^{\circ}34'22.38''N$; $7^{\circ}54'18.39''W$; Figura 1).

Trata-se de uma área situada no exterior da fachada oeste do Colégio do Espírito Santo, correspondendo a 4 x 4,25 metros, com uma profundidade de c. 1 metro (Figura 2).

Os trabalhos arqueológicos decorreram em dezembro de 2021, com a direção de Leonor Rocha, da Universidade de Évora (UE). O estudo dos materiais faunísticos foi coordenado por Maria João Valente, da Universidade do Algarve (UALg) e nele participaram alunos que, à data, frequentavam o Mestrado de Arqueologia da UE, co-signatários.

Figura 1. Mapa com localização da área de intervenção arqueológica, junto à fachada oeste do edifício do Colégio do Espírito Santo, em Évora. (Fonte: Rocha, 2022.)

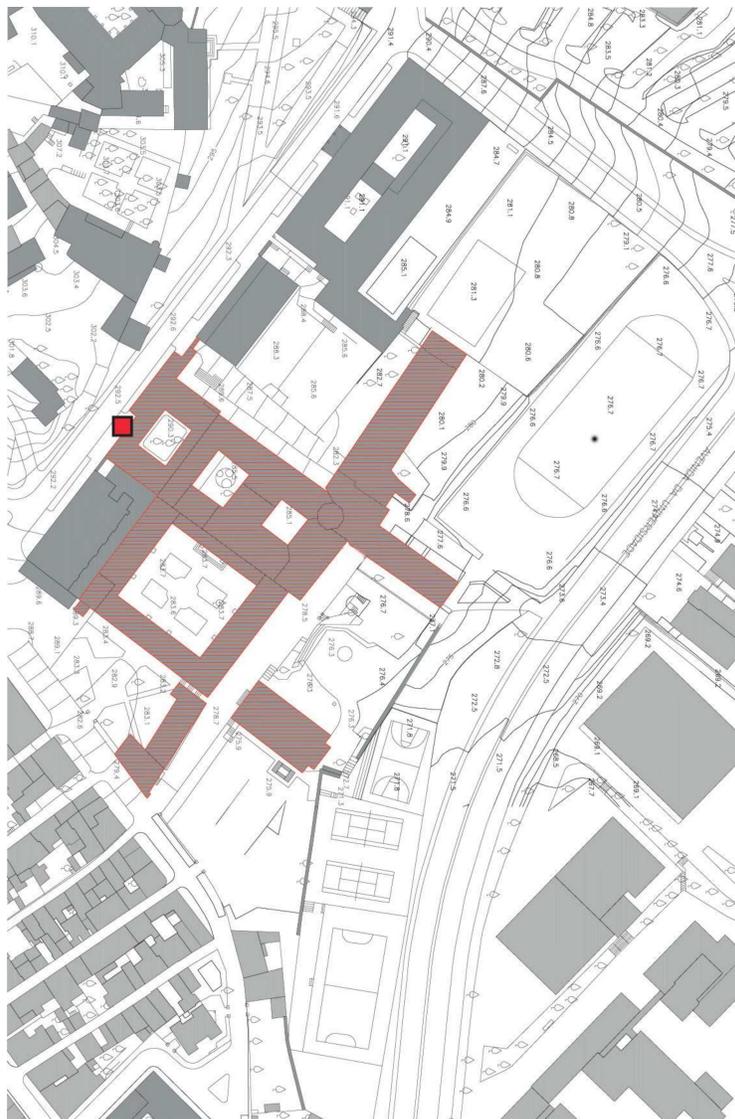


Figura 2. Vista da UE [18] da área de intervenção arqueológica. (Fonte: Rocha, 2022.)



2. Arqueologia do sítio

Os materiais faunísticos estudados provêm das Unidades Estratigráficas [3], [12], [13], [14], [15], [16], [18] e [19] cuja descrição é resumida na Tabela 1. Esta sequência tem uma baliza cronológica entre o séc. XIX e, no máximo, finais do século XVI, sendo estas cronologias determinadas pela cultura material exumada.

De um modo geral, as unidades registadas são de constantes revolvimentos e sobreposições de pavimentos, podendo revelar uma reorganização do espaço. As primeiras unidades que se registaram — da [0] à [6] — são de atividade humana recente. A partir da [12] até à [19] foram registados uma sucessão de pisos, na sua maioria de terra bastante compacta. A escavação foi feita manualmente, sem crivagem dos sedimentos, resultando numa provável deflação dos restos de pequenos animais.

Os resultados desta intervenção incluindo o estudo do espólio foi já publicado (Diniz *et alli*, 2022)

Tabela 1. Descrição das unidades estratigráficas com fauna estudada

UE	Descrição	Cronologia	Nº Restos
3	Enchimento da vala, composta pelos cortes de todas as U.E.'s, para a passagem de cabos de eletricidade e telecomunicações, com uma profundidade de 70 (SE) e 75 (NO) cm. Com materiais arqueológicos misturados de diferentes tipologias e cronologias	Sécs. XIX–XX	81
12	Pavimento de barro compacto, identificado em toda a área da sondagem.	Séc. XVIII	124
13	Pavimento compacto à superfície, de barro argamassado, constituído por pedras, cerâmica, metais e fauna. Composição semelhantes à [12] Identificado em toda a área de sondagem.	Sécs. XVII–XVIII	122
14	Pavimento barrento, compacto, com pedra miúda, e de tonalidade mais clara que as UEs anteriores. Momentos de deposição distintos. Identificada no lado Norte da sondagem.	Séc. XVII	62
15	Camada composta por terra e pedra miúda e média, com algum material de construção, nomeadamente telhas e estuque. Identificada em toda a área da sondagem.		164
16	Camada bastante escura, coberta por carvões que poderão corresponder a um incêndio generalizado, pouco compacta e com materiais cerâmicos e bastantes restos faunísticos. Identificada em toda a área da sondagem.		121
18	Piso de terra batida, muito compacto, de tonalidade castanho-claro, argiloso e com grãos de areia fina. Espólio escasso. Identificada em toda a área da sondagem.	Sécs. XVI–XVII	74
19	Camada não escavada (materiais provenientes dos primeiros centímetros - interface), correspondendo a mais um piso de terra batida, de cor castanho-claro.		50

Fonte: Rocha, 2022.

3. Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo segue as regras atuais da zooarqueologia (e.g., Reitz & Wing, 2008; Gifford-Gonzalez, 2018). Na análise recorreremos à coleção de referência do Laboratório de Arqueologia da Universidade do Algarve para mamíferos, a par de algumas publicações com comparação morfológica das espécies animais mais comuns (e.g., Schmid, 1972; Barone, 1986; France, 2009). Os restos de classificação mais complicada foram confirmados com a coleção do Laboratório de Arqueociências da Direção Geral do Património Cultural (LARC), em Lisboa.

Tentou-se a classificação ao nível da espécie, por observação morfométrica. Não sendo possível a classificação taxonómica, procedeu-se à classificação dos restos segundo o tamanho dos animais: animal de pequeno porte (e.g., coelho, gato, raposa ou ave), animal de médio porte (e.g., caprinos, cão, suínos) e animais de grande porte (e.g., bovinos e equídeos).

Na quantificação dos materiais usámos as seguintes unidades: o Número Total de Restos (NTR), o Número de Restos Determinados (NRD; equivalente ao NISP inglês), o Número de Restos Não Determinados (ND) e o Número Mínimo de Indivíduos (NMI) – Tabelas 3 a 6. Nesta última, foi tida em conta a idade dos

animais (Valente, 1997; Lyman, 2008, pp. 38–39).

O cálculo da idade de abate dos animais foi obtido mediante a utilização de dois métodos: a erupção e desgaste dentário (Payne, 1973; Jones & Sadler, 2012; Lemoine et al., 2014) e a fusão dos ossos, principalmente das epífises dos ossos longos (Habermehl, 1975; Zeder, 2006; Zeder et al., 2015). O primeiro é mais fiável e permite grupos etários relativamente detalhados, sendo o método preferido, não só quando existem séries dentárias, mas também no caso de alguns dentes isolados. O método de observação das fusões ósseas apresenta maior variação entre populações animais e os grupos etários obtidos são mais alargados, em especial após o processo de fusão estar concluído (Greenfield & Arnold, 2008). Na Tabela 2 apresenta-se uma síntese das classes etárias utilizadas neste trabalho, com base na fusão óssea pois esse método foi o que possibilitou mais informações.

Tabela 2. Classes etárias das principais espécies animais (com base na fusão óssea)

Táxon	Juvenil	Subadulto	Adulto	Referência
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	inferior a 3 meses	3–8 meses	mais de 8 meses	Jones 2006; Pelletier et al. 2016
<i>Canis familiaris</i>	inferior a 5 meses	5–10 meses	mais de 10 meses	Sumner-Smith 1966
<i>Sus</i> sp.	inferior a 12 meses*	12–24 meses	mais de 24 meses	Zeder et al. 2015
<i>Bos taurus</i>	inferior a 18 meses*	18–30 meses	mais de 30 meses	Habermehl 1975
<i>Ovis aries</i> / <i>Capra hircus</i>	inferior a 12 meses*	12–30 meses	mais de 30 meses	Zeder 2006

(*) Tendo em conta a erupção / desgaste dentário, a classe dos juvenis é desdobrada em neonatal, juvenil e imaturo (O'Connor 1988; Lemoine et al. 2014; Payne 1973 e Zeder 2006; Jones & Sadler 2012).

Em relação às alterações ósseas foram feitas as seguintes observações:

- Termo-alteração: extensão, coloração e estágio segundo os critérios de Shipman et al. (1984) e de Ellingham et al. (2015).
- Marcas de corte: presença de estrias superficiais (normalmente indicativas de esfoliação da pele e corte de tendões) e marcas mais aprofundadas (tipo “cutelo” ou “chopping”, muitas vezes associadas à segmentação da carcaça animal, mas também para cortar tendões ou carne; Seetah, 2018, pp. 148–155).
- Outras marcas: como roedelas e puncturas associadas, por exemplo, à ação de outros animais (Gifford-Gonzalez, 2018, pp. 233–238).

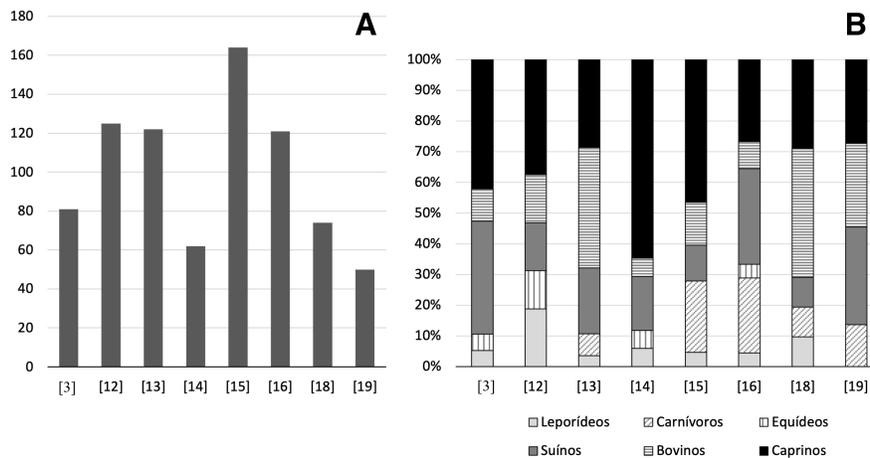
Para os dados biométricos seguimos as regras estabelecidas por Driesch (1976) e Davis (1992). Foram obtidos com um paquímetro Mitutoyo Absolute 500–444 e os resultados são apresentados (em mm) nos Anexos A.

4. Resultados

4.1 Informações gerais

Analisaram-se um total de 798 restos faunísticos, dos quais 285 foram classificados taxonomicamente (c. 36 %; destes, nove restos de aves, peixes e répteis não têm classificação específica). Na sua maioria pertencem a mamíferos (84 %), existindo também aves (11 %), moluscos (4 %), peixes (<1 %) e réptil (<0,5 %). Nas Tabelas 3–6 e na Figura 3 apresentamos a quantificação destes materiais.

Figura 3. Número de Total de Restos [A] e abundância relativa dos principais grupos de mamíferos (em %) [B] em cada Unidade Estratigráfica.



Por ordem de abundância, identificaram-se os seguintes mamíferos: caprinos (ovelhas certamente, mas não colocamos de parte a possibilidade de existir também cabra na coleção); suínos (o tamanho geral dos elementos identificados apontam para que, na sua grande maioria, ou mesmo a totalidade, pertençam a porco); bovinos; cão; leporídeos (mais coelho que lebre, embora existam as duas espécies); gato (provavelmente doméstico por razões contextuais); equídeos (não sendo possível a classificação ao nível da espécie, podem pertencer a cavalo, asno ou, eventualmente, mula); raposa; e toirão.

Nas aves identificaram-se principalmente restos de galinha. Existem ainda alguns restos de perdiz (provavelmente da espécie perdiz-comum) e de pato (verosimilmente da variedade doméstica, pela natureza e cronologia do contexto).

Quanto aos poucos restos de moluscos, são todos de ambiente marinho ou estuarino, e pertencem a amêijoia-boia, ostra, vieira e *Acanthocardia* (um tipo de berbigão de grande tamanho).

Foram também identificadas duas vértebras de peixe (classe Osteichthyes, não classificadas ao nível da espécie) e um resto de Testudine (cágado).

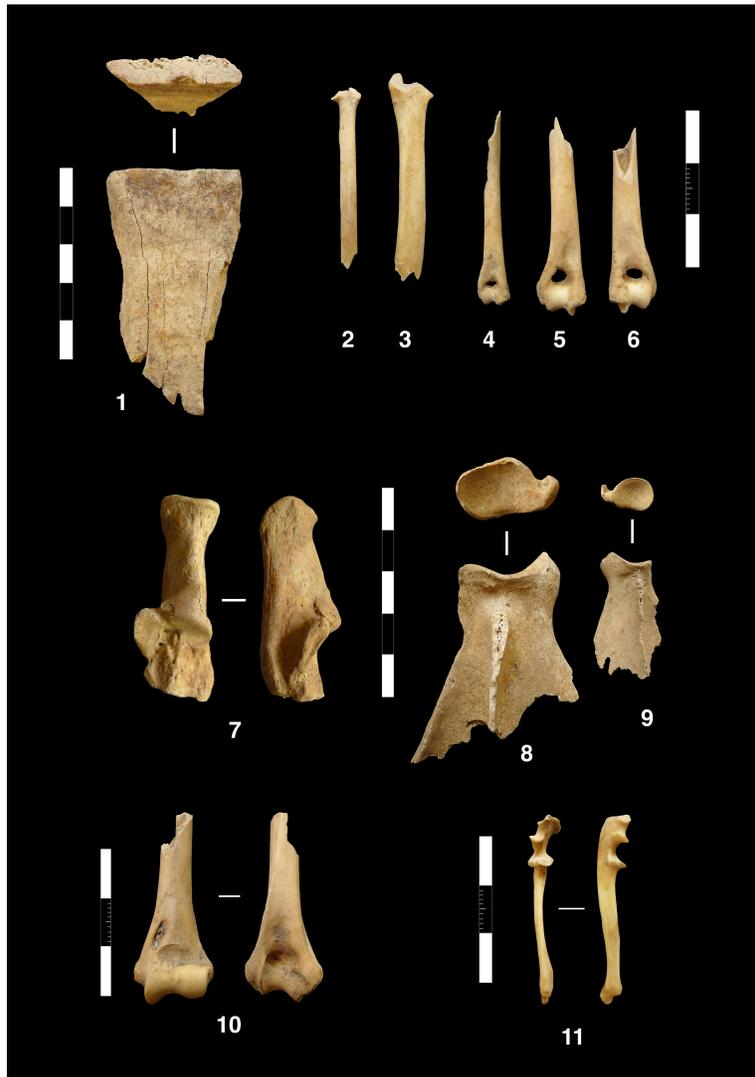
A quantidade de materiais varia bastante entre as UEs, sendo sendo mais numerosos nas [12], [13], [15] e [16] (Figura 3:A). Os restos das UEs mais profundas [16, 18, 19] apresentavam-se em melhor estado de conservação e permitiram uma taxa de determinação mais elevada (perto de metade dos restos; Tabela 3).

Tabela 3. Quantificação geral

	[3]	[12]	[13]	[14]	[15]	[16]	[18]	[19]	NR
Restos Determinados (NRD)	22	40	31	21	58	53	35	25	285
Restos Não Determinados (ND)	59	84	91	41	106	68	39	25	513
Total de Restos (NTR)	81	124	122	62	164	121	74	50	798
Taxa de Determinação	27,2 %	32,3 %	25,4 %	33,9 %	35,4 %	43,8 %	47,3 %	50,0 %	35,7 %

Alguns restos apresentavam concreções, talvez resultantes de aglomerantes de construção, sendo estas mais comuns nas [14] e [15].

Figura 4. Fotografias de materiais faunísticos. [1] Fragmento de osso de animal de grande porte, afeiçoado (base/resíduo de utensilagem óssea). UE12. [2] Rádio proximal de coelho. UE12. [3] Rádio proximal de lebre. UE12. [4] Úmero distal de coelho. UE18. [5, 6] Úmeros distais de lebre. UE18. [7] Calcâneo de cão. UE16. [8] Escápula proximal de cão. UE13. [9] Escápula proximal de raposa. UE13. [10] Úmero distal de gato. UE16. [11] Ulna de toirão. UE15.



Excluído da quantificação final, está um osso serrado e polido, proveniente da unidade [12], cuja espessura e tamanho permitem associar animal de grande porte (e.g. bovino ou equídeo) (Figura 4.1). Trata-se de uma peça óssea que, provavelmente, terá servido para manufatura de utensílio(s), cuja forma e função é desconhecida.

De seguida descrevem-se os taxónes identificados, notando também as partes do esqueleto presente (com desenvolvimento nos Anexos B). Note-se, contudo, que dos vários restos não determinados (com classificação apenas por tamanho do porte do animal), muitos pertencem ao esqueleto axial: foram contabilizados 129 restos de vértebras e costelas, sendo que apenas seis pertencem a animal de pequeno porte. Ou seja, a deflação dos restos axiais no NRD é apenas aparente, estando estes, na sua grande maioria, contabilizados nos restos não determinados.

Tabela 4. Quantificação dos Restos Determinados (NRD)

		[3]	[12]	[13]	[14]	[15]	[16]	[18]	[19]	NRD	%NRD
Mamíferos	nome comum										% Mamíf.
<i>Lepus cf. granatensis</i>	lebre		2					2		4	1,7 %
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	coelho	1	4	1	1	2	2	1		12	5,0 %
<i>Vulpes vulpes</i>	raposa			1		2				3	1,3 %
<i>Canis cf. familiaris</i>	cão			1		8	8	2	3	22	9,2 %
<i>Felis cf. catus</i>	gato						3	1		4	1,7 %
<i>Mustela putorius</i>	toirão					1				1	0,4 %
<i>Equus sp.</i>	cavalo e/ou burro	1	4		1		2			8	3,4 %
<i>Sus cf. domesticus</i>	porco	7	5	6	3	5	14	3	7	50	21,0 %
<i>Bos taurus</i>	boi/vaca	2	5	11	1	6	4	13	6	48	20,2 %
<i>Ovis aries</i>	ovelha					1	2		1	4	1,7 %
<i>Ovis aries / Capra hircus</i>	ovelha ou cabra	8	12	8	11	19	10	9	5	82	34,5 %
NRD mamíferos		19	32	28	17	44	45	31	22	238	—
Aves	nome comum										% Aves
<i>Anas platyrhynchos cf. domesticus</i>	pato doméstico						2			2	6,3 %
<i>Alectoris cf. rufa</i>	perdiz-vermelha					2				2	6,3 %
<i>Gallus g. domesticus</i>	galinha		3	1		9	3	4	2	22	68,8 %
Ave média ND	—		2	1		3				6	18,8 %
NRD aves		0	5	2	0	14	5	4	2	32	—
Répteis	nome comum										% Répteis
Testudine ND	—	1								1	100,0 %
NRD répteis		1	0	1	—						
Peixes	nome comum										% Peixes
Osteichthyes ND	—		1	1						2	0,1
NRD peixes		0	1	1	0	0	0	0	0	2	—
Moluscos	nome comum										% Moluscos
<i>Acanthocardia sp.</i>	(berbigão grande)		1							1	8,3 %
<i>Pecten maximus</i>	vieira						2			2	16,7 %
<i>Ruditapes decussatus</i>	amêijoas-boa	2	1				1		1	5	41,7 %
Ostridae ND	ostras				4					4	33,3 %
NRD moluscos		2	2	0	4	0	3	0	1	12	—
TOTAL NRD		22	40	31	21	58	53	35	25	285	

Tabela 5. Quantificação dos Restos Não Determinados (ND)

	[3]	[12]	[13]	[14]	[15]	[16]	[18]	[19]	TOTAL
Animal de Grande Porte	30	30	36	14	10	14	12	8	154
Animal de Grande/Médio Porte	4	6		12	13	5	4	5	49
Animal de Médio Porte	8	34	33	15	81	47	20	12	250
Animal de Pequeno Porte	4	2	3		2	2	3		16
Indeterminado	13	12	19						44
TOTAL ND	59	84	91	41	106	68	39	25	513

Tabela 6. Quantificação do Número Mínimo de Indivíduos (NMI)

		[3]	[12]	[13]	[14]	[15]	[16]	[18]	[19]	NMI	% NMI
Mamíferos	nome comum										% Mamíferos
<i>Lepus cf. granatensis</i>	lebre		1					1	2		3,6 %
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	coelho	1	1	1	1	1	1	1	7		12,7 %
<i>Vulpes vulpes</i>	raposa			1		1			2		3,6 %
<i>Canis cf. familiaris</i>	cão			1		1	1	1	5		9,1 %
<i>Felis cf. catus</i>	gato						1	1	2		3,6 %
<i>Mustela putorius</i>	toirão					1			1		1,8 %
<i>Equus sp.</i>	cavalo e/ou burro	1	1		1		1		4		7,3 %
<i>Sus cf. domesticus</i>	porco	1	1	1	1	1	2	1	9		16,4 %
<i>Bos taurus</i>	boi/vaca	1	2	2	1	1	1	1	10		18,2 %
<i>Ovis aries / Capra hircus</i>	ovelha ou cabra	1	2	2	1	2	2	2	13		23,6 %
NMI mamíferos		5	8	8	5	8	9	8	4	55	—
Aves	nome comum										% Aves
<i>Anas platyrhynchos cf. domesticus</i>	pato doméstico						2		2		16,7 %
<i>Alectoris cf. rufa</i>	perdiz-vermelha					1			1		8,3 %
<i>Gallus g. domesticus</i>	galinha		2	1		2	1	1	9		75,0 %
NMI aves		0	2	1	0	3	3	1	2	12	—
Moluscos	nome comum										% Moluscos
<i>Acanthocardia sp.</i>	(berbigão grande)		1						1		14,3 %
<i>Pecten maximus</i>	vieira						1		1		14,3 %
<i>Ruditapes decussatus</i>	amêijoia-boia	1	1				1	1	4		57,1 %
Ostridae ND	ostras				1				1		14,3 %
NMI moluscos		1	2	0	1	0	2	0	1	7	—

4.2 Caracterização dos táxones presentes

4.2.1 Leporídeos: *Lepus cf. granatensis* (lebre de granada) e *Oryctolagus cuniculus* (coelho)

Foram identificados 16 restos de leporídeos distribuídos por quase toda a sequência estratigráfica. O coelho (*Oryctolagus cuniculus*) é mais numeroso e frequente ao longo da sequência, enquanto a lebre (*Lepus*) foi apenas identificada nas [12] e [18]. A distinção entre espécies baseou-se nos critérios morfométricos apresentados por Callou (1997) e Llorente Rodríguez (2010).

Ambos os animais são muito comuns no Alentejo (Delibes-Mateos et al., 2023; Alves et al., 2023). Na região do sudoeste ibérico apenas é conhecida a lebre de granada (*L. granatensis*; Alves et al., 2023), pelo que esta atribuição taxonómica é a mais verosímil.

Nenhum dos restos de leporídeo pertencerá a juvenil, uma vez não existem elementos não fundido; ou seja, devem corresponder a subadultos (mais 3 meses) ou, mais provavelmente, a adultos (mais de 8 meses; Jones, 2006).

As medidas recolhidas para os úmeros e tíbias podem ser observados no Anexo A1. Na Figura 4.2 podemos observar a diferença métrica dos rádios e úmeros de coelho e lebre.

Os restos de leporídeo não apresentam evidências de modificações antrópicas (e.g., marcas de corte, fracturas, ou termo-alterações). A ausência de tais alterações é comum em períodos recentes, onde os processos culinários utilizados não fazem grande segmentação das carcaças dos pequenos animais (os animais são colocados por inteiro no recipiente que serve ao estufado, cozido, fritura ou assado).

4.2.2 Carnívoros: *Vulpes vulpes* (raposa), *Canis cf. familiaris* (cão), *Felis cf. catus* (gato) e *Mustela putorius* (toirão)

Dos 30 restos de carnívoros, a maioria (n=22) pertence a cão. Esta espécie encontra-se, aliás, bem distribuída ao longo da sequência, com presença em cinco unidades estratigráficas. Já a raposa e o gato foram apenas observada em duas unidades, enquanto o toirão foi somente identificado na [15]. Não foram calculados mais de um indivíduo por UE (no conjunto das UEs não existem elementos repetidos) e os materiais não apresentam marcas de alteração antrópica.

Excluimos a presença de lobo (*Canis lupus*) pois os restos de *Canis* apresentam morfologia relativamente grácil (cf. medida para um calcâneo recolhido na unidade [16]; Anexo A1; Figura 4.7). A espécie selvagem seria, aliás, pouco comum em ambiente urbano.

Pelo estado de fusão, os materiais de cão devem pertencer a animais subadultos (mais de 5 meses) ou adultos (mais de 10 meses; Sumner-Smith, 1966). No geral, todas as zonas do esqueleto (cranial, axial, apendicular anterior e apendicular posterior) estão presentes (Anexo B1).

A identificação de raposa foi feita por comparação com a coleção disponível a Universidade do Algarve. Todos os restos (escápula, metacarpo 4 e metatarso 3; Figura 4.9) estão fundidos, correspondendo a animais já maduros.

No caso do gato (úmero, rádio, ulna, e pélvis), a atribuição à espécie doméstica (*F. catus*) foi meramente contextual, pois a variação métrica entre esta e a selvagem (*F. sylvestris*) é diminuta e a coleção apenas contém dois elementos passíveis de medição (vd. Anexo A1; também Figura 4.10). Todos os restos apendiculares estão fundidos e correspondem a animais maduros (provavelmente adultos com mais de 12 meses; Sutton et al., 2018).

A ulna de toirão (de animal maduro face ao estado de fusão) presente na [15] foi classificada após consulta dos exemplares disponíveis no LARC (Figura 4.11).

4.2.3 Equídeos

Apenas foram identificados oito restos de equídeo (dentes inferiores e vários ossos: rádios, úmero, metacarpo e tíbia), distribuídos por várias UEs. O estado de fragmentação não permitiu classificá-los ao nível da espécie, pelo que podem pertencer a cavalo (*Equus caballus*), burro (*E. asinus*) ou mula (*E. asinus* x *E. caballus*).

Todos os ossos apendiculares apresentam-se fundidos, pertencendo assim a animais maduros.

Apenas um resto apresenta alterações consideradas antrópicas: um fragmento proximal de úmero recuperado na unidade [12] com fractura intensional, tipo “chopping” ou cutelo.

4.2.4 Suínos: *Sus cf. domesticus* (porco)

Os suínos são o segundo grupo mais comum na coleção, com um total de 50 restos, distribuídos por todas as unidades. É difícil distinguir os porcos (*Sus domesticus*) do javali (*Sus scrofa*), pois as suas metrias sobrepõem-se, em especial nas populações ibéricas (Albarella et al., 2005). Contudo, os valores obtidos para dois elementos (um M3 inferior na [3] e um astrágalo na [19]; Figura 5.1) enquadram-se nas metrias da espécie doméstica (compare-se, por exemplo, com o trabalho de Davis para a Alcáçova de Santarém; Davis 2006, pp. 26–28). Face ao tipo de contexto, será expectável que os restantes materiais, com classificação menos assertiva, pertençam também a porco.

Nos casos em que foi possível observar a idade aquando do abate dos animais (n=10), a variação é considerável, desde animais com menos de 18 meses (falange 2 com fusão muito recente) a animais com mais de 72 meses (M1/2 inferior com estágio de uso [Tooth Wear Stage, TWS] 18; seg. Zeder et al., 2015). A maioria aparenta ter idades acima dos 18 meses (subadultos a adultos).

Predominam os restos dentários. No caso os elementos ósseos predominam os apendiculares anteriores, mas a razão para tal não é óbvia (Anexo B2 e discussão mais à frente).

Alguns dos restos (n=3) apresentam marcas de corte em cutelo.

4.2.5 Bovinos: *Bos taurus* (vaca/boi)

Trata-se de uma espécie bem representada em toda a sequência, com um total de 48 restos. As metrias obtidas apresentam alguma disparidade, provavelmente decorrente do dimorfismo sexual da espécie (vd. valores dos astrágalos no Anexo A1). Todas as áreas do esqueleto estão representadas, sem desequilíbrio óbvio entre os segmentos do corpo (Anexo B3).

Os restos em que foi possível estimar idade de abate apontam para a presença de animais subadultos e adultos, sem que existam evidências de animais senis com idade superior a 60 meses (Jones & Sadler, 2012; Habermehl, 1975).

Alguns dos restos apresentam marcas em cutelo (n=4) e em estria (n=1).

4.2.6 Caprinos: *Ovis aries* (ovelha) e, talvez, *Capra hircus* (cabra)

Os caprinos são os animais mais comuns na coleção (n=86; 34,5 % dos NRD dos mamíferos). Destes foi possível classificar quatro restos como ovelha (úmeros e astrágalos, nas [15], [16] e [19]; Figuras 5.5–6), mas tal não invalida a eventual presença de cabra na coleção.

Registam-se restos de caprinos em todas as unidades, e com representação equilibrada de todas as zonas do esqueleto (Anexo B4).

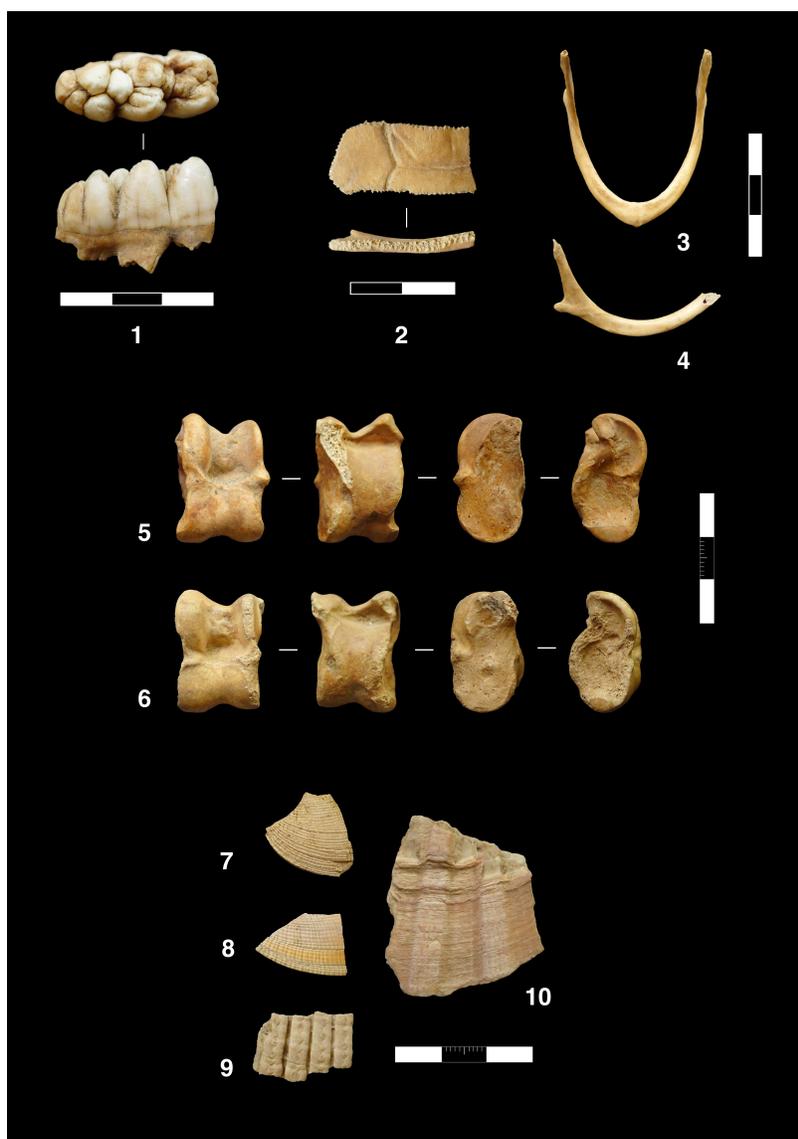
As idades estimadas (Zeder, 2006) centram-se essencialmente nos subadultos /adultos (12 a 48 meses), com raros imaturos (menos de 12 meses). Não se registaram neonatais ou juvenis (0-6 meses) ou animais com mais de 48 meses.

As marcas de corte ou fractura antrópica são raras (n=2).

4.2.7 Outros vertebrados

A maioria dos restantes restos de vertebrados pertencem a aves de tamanho médio, tendo-se classificado vários restos de galinha (*Gallus gallus domesticus*; 22 restos), bem como dois restos de perdiz-comum (*Alectoris cf. rufa*) e de pato presumivelmente doméstico (*Anas platyrhynchos cf. domesticus*). Estas duas últimas espécies foram identificadas por comparação com os exemplares da coleção do LARC.

Figura 5. Fotografias de materiais faunísticos. [1] 3^o molar inferior de porco, com desgaste reduzido (TWS 7; 18 a 72 meses, subadulto a adulto). UE3. [2] Placa costal 2, do lado direito, de cágado. UE6. [3-4] Fúrculas de pato. UE16. [5-6] Astrágalos de ovelha. UE16. [7-8] Fragmentos de valva de amêijoia. UE12 e UE19. [9] Fragmento de valva de *Acanthocardia* sp. UE12. [10] Fragmento de valva de vieira. UE16.



As galinhas ou galos estão representados em quase toda a sequência. Um dos animais seria fêmea pois trata-se de um tarso-metatarso sem esporão (interior do osso apresenta rendilhado, mas sem o preenchimento de osso medular, típico de uma galinha em fase de postura; Whitehead, 2004). Esta espécie está representada apenas por ossos do esqueleto apendicular e todos aparentam ser de animais maduros.

A perdiz foi observada apenas na unidade [15], pela presença de um fragmento distal de tarso-metatarso e uma ulna. Já o pato está assinalado por dois restos de fúrculas na [16] (Figuras 5.3–4), assinalando a presença de, pelo menos, dois indivíduos.

Por fim, foram também classificados um resto de cágado (Testudine) e dois restos de vértebra de peixe ósseo (Osteichthyes). O espécime de testudine, apesar de não especificado, talvez seja de cágado-mediterrânico [*Mauremys leprosa*], a espécie mais comum nos contextos arqueológicos no Sul do território português (Boneta Jiménez, 2022). Trata-se de uma placa costal 2, do lado direito (Figura 5.2).

4.2.8 Invertebrados

São raros os restos de invertebrados: apenas doze (todos fragmentos de valvas; Figuras 5.7–10), que prefazem um número mínimo de sete indivíduos. Note-se, todavia, que a diversidade é assinalável: ostra (espécie indeterminada de Ostridae), amêijoia-boia (*Ruditapes decussatus*), vieira (*Pecten maximus*) e um exemplar de “berbigão-grande” (*Acanthocardia* sp.). Todas estas espécies são de ambiente marinho/estuarino, o que significa que nenhuma será local.

4.3 Alterações ósseas

São poucos os restos que apresentam alterações ósseas atribuíveis a ação humana. Observaram-se oito restos indeterminados com termo-alteração (apenas 1% do NTR): as colorações são variadas (castanho, negro e cinzento) e cobrem toda a superfície dos ossos indicando exposição direta ao fogo durante algum tempo, provavelmente após processo culinário.

As evidências de marcas de corte e fracturas intencionais também são raras: cinco restos com marcas de estrias, 18 com marcas de cutelo, e oito com evidência de fractura intencional. Estão espalhadas ao longo da sequência e representam percentagens variadas em relação ao NTR de cada camada (desde a ausência aos 18% na unidade [19]; Tabela 7). A maioria dos ossos que evidenciam estas marcas são de animais indeterminados, mas observaram-se também em restos de bovino (n=9), ovelha e caprino (n=4), suíno (n=3) e equídeo (n= 1; fragmento proximal de úmero) (Figuras 6.1–2).

Figura 6. Fotografias de materiais faunísticos. [1] Astrágalo de boi com fratura feita com cutelo. UE19. [2] Úmero de ovelha ou cabra com fratura feita com cutelo. UE19.



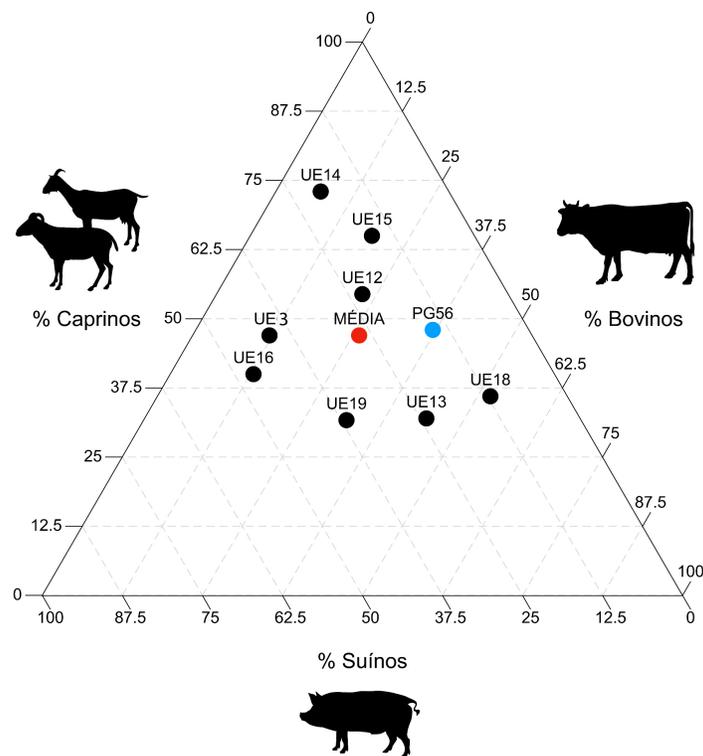
Foram igualmente assinalados dois restos com roedelas de agentes não humanos (e.g., cão): ambos úmeros,

um de suíno na unidade [19], outro de caprino na [13]. Nesta unidade foi também observado um fémur de coelho, com pucturas duplas em zonas opostas, talvez resultantes de mordidela de gato ou toirão.

5. Discussão

A coleção faunística estudada é proveniente de uma zona central da cidade de Évora e apresenta as características de pequenos depósitos de lixo não estruturados que se foram acumulando ao longo de três ou quatro séculos (séc. XVI–XIX) em associação a diversos pavimentos.

Figura 7. Gráfico ternário com comparação dos principais táxones com valor alimentar: bovinos, caprinos e suínos. Apresentam-se os valores de cada Unidade Estratigráfica, os valores médios da coleção da Sapata e os valores calculados para os materiais da Praça do Giraldo 56 (sécs. XIV–XV; in Antunes, 2004).



A variabilidade das faunas ao longo das UEs é notória: a nível da quantidade (salientam-se as unidades [15] e [16] com mais materiais) e da abundância relativa dos diversos animais em cada unidade. As Figuras 3:A e 7 atestam essa heterogeneidade. Note-se, em particular, a Figura 7 que apresenta um gráfico ternário da relação de abundâncias entre os principais animais com valia alimentar na coleção: os caprinos, os bovinos e os suínos. A dispersão dos pontos no gráfico tornam a diferença entre unidades muito óbvia. Os caprinos predominam na coleção, mas sem sempre são os animais mais comuns ao longo da sequência, alternando com os bovinos (nas [13] e [18]) e com os suínos (nas [16] e [19]).

Tratando-se de despejos domésticos dos habitantes de Évora, é natural que os restos estudados sejam na sua maioria alimentares: caprinos, suínos, bovinos, leporídeos, aves (principalmente a galinha, útil pela

carne, mas também pelos ovos), peixes e moluscos. Há, contudo, várias exceções: a raposa, o cão, o gato, o toirão e os equídeos. Nestes casos, a relação entre humanos e animais teria outros propósitos, como por exemplo o apoio ao transporte e a carga (caso dos equídeos), ou de animais de companhia, comensais, e de apoio no controlo pragas de outros animais como ratos (caso dos cães, gatos e toirão). A presença de raposa é mais difícil de interpretar pois pode resultar de caça intencional (para aproveitamento da pele, por exemplo) ou de abate ocasional por aproximação destes animais a zonas de habitação humana (algo que, todavia, é pouco comum em contexto urbano).

A maioria das espécies de valia alimentares está representada por todas as partes esqueléticas (como já mencionado, os restos axiais, como as vértebras e as costelas, estão presentes nas contagens dos restos não determinados, mas classificados por porte animal). Das principais espécies animais tudo seria aproveitado, inclusive a zona cranial do animal, como atestado pela presença de ossos do crânio, da mandíbula e dentes. Destas, apenas o porco tem representação desequilibrada, com poucos elementos do esqueleto apendicular posterior e um maior número de dentes (dos 50 restos determinados, 28 são dentes). Podemos equacionar que a parte posterior do corpo dos porcos teria tratamento diferenciado, talvez com remoção das pernas para cura; esse facto pode justificar a quase ausência de fémures e tíbias na coleção.

Comparativamente, as espécies de menor porte, como os coelhos (e lebres) e as galinhas, praticamente não têm ossos craniais. A exceção são as duas fúrculas de pato identificadas na unidade [16]. Contudo, os elementos craniais dos animais de pequeno porte são relativamente frágeis e podem passar despercebidos em escavação, em particular quando não é feita uma recolha mais minuciosa (com uso de crivo, por exemplo).

É também interessante observar as diferenças no registo de alterações ósseas (Tabela 7). Só foram recuperados restos com termo-alteração nas unidades [13], [14] e [15]; estes apresentam cores variadas entre o castanho e o cinzento, que correspondem a diferentes exposições ao fogo. Não obstante, a extensão destas modificações, que abrange a totalidade da superfície dos restos, aponta para ações não relacionadas com processos culinários, mas provavelmente associadas a atividades de limpeza mediante a colocação de restos ósseos em estruturas de combustão após consumo da carne.

As marcas de corte são mais comuns, mas ainda assim com pouca presença na coleção, com exceção das unidades [16] e, principalmente, [19]. A raridade de marcas de corte é, contudo, contraposta pelo nível relativamente elevado de fragmentação dos restos de animais de médio e grande porte. Assim, se, por um lado, são raras as evidências de fraturas antrópicas inequívocas, a fragmentação apresentada pelos restos animais não parece derivar apenas de processos pós-deposicionais, devendo ser imputada também à segmentação das carcaças para elaboração de cozidos ou ensopados em recipientes.

Em Évora não existem trabalhos zooarqueológicos em coleções de cronologia similar, contudo o estudo de Antunes (2004) em materiais resultantes da escavação do sítio da Praça do Giraldo, nº 56, com depósitos datados entre os fins do séc. XIV e o séc. XV, afigura-se interessante para comparação. Ali predominam os animais domésticos, em particular os caprinos (com maioria, também, das ovelhas) e dos bovinos. Comparativamente, os suínos estão menos representados nesse conjunto que na coleção da Sapata. Na Praça de Giraldo também se observaram alguns restos de aves, como as galinhas (mais abundantes), perdizes e ganso. Foram registados poucos restos de carnívoros (apenas identificado um resto de cão) e de equídeos (seis restos). As idades de abate dos animais apontadas por Antunes são bastante mais precoces que na Sapata: nos bovinos, 92 % dos restos são considerados não adultos; nos suínos, 79 %; nos caprinos, 74 %. Todavia, a metodologia para classificação etária não é clara, pelo que estes valores não devem ser comparados com os da coleção da Sapata.

6. Principais conclusões

Apesar de se tratar de uma coleção pouco numerosa e muito localizada, situação decorrente da reduzida área de intervenção arqueológica, o estudo aqui apresentado contém dados interessantes para a caracterização da alimentação da população eborense do séc. XVI ao séc. XIX.

Podemos sumeriar a informação obtida da seguinte forma:

1. Foram estudados vários conjuntos de faunas, provenientes de oito unidades estratigráficas interpretadas como despejos de lixo doméstico. Essas faunas representam uma lista de espécies relativamente homogênea, mas cujas abundâncias taxonómicas variam ao longo da sequência.
2. No geral, predominam os animais domésticos com propósito alimentar, nomeadamente os caprinos (em particular as ovelhas), os bovinos e os porcos, ao que acrescem as galinhas, os patos (ocasionalmente) e os coelhos. Estes últimos, face à cronologia dos depósitos, deverão resultar da sua criação e não de caça.
3. Ainda com propósito alimentar foram também identificados animais como a lebre, a perdiz, os peixes e os moluscos. A presença de espécies marinho-estuarinas (e.g., ostras, amêijoas, vieiras) demonstram a circulação destes animais nos mercados da época. As lebres e as perdizes atestam a origem cinegética, ainda que diminuta, de alguns dos produtos cárneos consumidos na Évora moderna. Acresce ainda um resto de cágado (Testudine) que também pode resultar de utilização alimentar.
4. Foram identificados outros animais como o cão, o gato, o toirão, os equídeos e a raposa. A sua presença estará, muito provavelmente, relacionada com utilizações diversas, não alimentares.
5. No que se refere às idades de abate dos animais, a grande maioria dos restos correspondem a indivíduos subadultos e/ou adultos, com raros juvenis (caso de um resto de porco e de um restos de caprino) e ausência de animais senis.
6. Observaram-se poucas modificações ósseas, tanto a nível das alterações térmicas, como nas marcas de corte. Contudo, a coleção faunística apresenta também um nível de fragmentação relativamente elevado nos animais de médio e grande porte. É provável que tal represente um processamento de carcaças associada à elaboração de cozidos ou ensopados em recipientes que impedem o contato direto dos restos animais com o fogo. Já os animais de pequeno porte (e.g., leporídeos, aves) seriam menos segmentados e talvez cozinhados quase inteiros.

7. Bibliografia

- Albarella, U., Davis, S. J. M., Detry, C., & Rowley-Conwy, P. (2005). Pigs of the “Far West”: the biometry of *Sus* from archaeological sites in Portugal. *Anthropozoologica*, 40(2), 27-54.
- Alves, P. C., Acevedo, P., & Melo-Ferreira, J. (2023). Iberian Hare *Lepus granatensis* (Rosenhauer, 1856). In K. Hackländer & P. C. Alves (Eds.), *Primates and Lagomorpha* (pp. 167-189). Cham: Springer International Publishing. doi:10.1007/978-3-030-34043-8_8
- Antunes, M. T. (2004). O que comiam os eborenses antigos – estudo arqueozoológico do sítio da Praça do Giraldo, 56. *O Arqueólogo Português (Série IV)*, 22, 393-451.
- Barone, R. (1986). *Anatomie comparée des mammifères domestiques. Tome 1, Ostéologie*. Paris: Vigot.
- Boneta Jiménez, I. (2022). *Los Quelonios en el registro arqueológico de la Península Ibérica: Aproximación a su estudio a partir del conjunto del yacimiento calcolítico de Camino de las Yeseras*. Tese de Doutoramento. Universidad Autónoma de Madrid, Madrid.
- Callou, C. (1997). *Diagnose différentielle des principaux éléments squelettiques du lapin (genre Oryctolagus) et du lièvre (genre Lepus) en Europe occidentale* (Fiches d'ostéologie animale pour l'archéologie. Série B, Mammifères. 8). Valbonne-Sophia Antipolis: APCDA.
- Davis, S. J. M. (1992). *A Rapid Method for Recording Information about Animal Bones from Archaeological Sites* (Ancient Monuments Laboratory Report. 19/92). London: English Heritage. doi:10.1016/0305-4403(87)90079-3
- Davis, S. J. M. (2006). *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal* (Trabalhos de Arqueologia. 43). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Delibes-Mateos, M., Rödel, H. G., Rouco, C., Alves, P. C., Carneiro, M., & Villafuerte, R. (2023). European Rabbit *Oryctolagus cuniculus* (Linnaeus, 1758). In K. Hackländer & P. C. Alves (Eds.), *Primates and Lagomorpha* (pp. 39-65). Cham: Springer International Publishing. doi:10.1007/978-3-030-34043-8_13
- Diniz, A; Jaulino, F; Ribeiro, I; Amaral, I; Rocha, L. (2022) - Problemas em torno do licenciamento de obras em contexto urbano: o caso do Colégio Espírito Santo. *Scientia Antiquitatis*. Évora, nº 1, p. 320-341 [em linha: <http://www.scientiaantiquitatis.uevora.pt/index.php/SA/issue/view/40>]
- Driesch, A. V. D. (1976). *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites* (Peabody Museum Bulletin. 1). Cambridge, Mass.: Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University.
- Ellingham, S. T., Thompson, T. J., Islam, M., & Taylor, G. (2015). Estimating temperature exposure of burnt bone - A methodological review. *Science and Justice*, 55(3), 181-188. doi:10.1016/j.scijus.2014.12.002
- France, D. L. (2009). *Human and Nonhuman Bone Identification: A Color Atlas*. Boca Raton, FL: CRC Press.
- Gifford-Gonzalez, D. (2018). *An Introduction to Zooarchaeology*. Cham: Springer.
- Greenfield, H. J., & Arnold, E. R. (2008). Absolute age and tooth eruption and wear sequences in sheep and goat: determining age-at-death in zooarchaeology using a modern control sample. *Journal of Archaeological Science*, 35(4), 836-849. doi:10.1016/j.jas.2007.06.003
- Habermehl, K. H. (1975). *Die Altersbestimmung bei Haus- und Labortieren*. Berlin: Paul Parey.
- Jones, E. L. (2006). Prey choice, mass collecting, and the wild European rabbit (*Oryctolagus cuniculus*). *Journal of Anthropological Archaeology*, 25(3), 275-289. doi:10.1016/j.jaa.2005.11.002
- Jones, G. G., & Sadler, P. (2012). Age at death in cattle: methods, older cattle and known-age reference material. *Environmental Archaeology*, 17(1), 11-28. doi:10.1179/1461410312Z.0000000002
- Lemoine, X., Zeder, M. A., Bishop, K. J., & Rufolo, S. J. (2014). A new system for computing dentition-based age profiles in *Sus scrofa*. *Journal of Archaeological Science*, 47, 179-193. doi:10.1016/j.jas.2014.04.002
- Llorente Rodríguez, L. (2010). The Hares from Cova Fosca (Castellón, Spain). *Archaeofauna*, 19, 59-97.
- Lyman, R. L. (2008). *Quantitative Paleozoology*. Cambridge; New York: Cambridge University Press.

O'Connor, T. P. (1988). *The animal bones. Bones from the General Accident site, Tanner Row* (The Archaeology of York. 15). London: Council for British Archaeology.

Payne, S. (1973). Kill-off patterns in sheep and goats: the mandibles from Aşvan Kale. *Anatolian Studies*, 23, 281-303.

Payne, S., & Bull, G. (1988). Components of variation in measurements of pig bones and teeth, and the use of measurements to distinguish wild from domestic pig remains. *Archaeozoologia*, 2(1), 27-65.

Reitz, E. J., & Wing, E. S. (2008). *Zooarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Rocha, L. (2022) Relatório final do acompanhamento arqueológico. Substituição da cobertura e estrutura de suporte na zona envolvente ao pátio da Reitoria do Colégio do Espírito Santo. Universidade de Évora (Escola de Ciências Sociais). Policopiado.

Schmid, E. (1972). *Atlas of Animal Bones: For Prehistorians, Archaeologists and Quaternary Geologists (English and German Edition)*. Amsterdam: Elsevier Publishing Company.

Seetah, K. (2018). *Humans, Animals, and the Craft of Slaughter in Archaeo-Historic Societies*. Cambridge University Press. doi:10.1017/9781108553544

Shipman, P., Foster, G., & Schoeninger, M. (1984). Burnt Bones and Teeth: An Experimental Study of Color, Morphology, Crystal Structure and Shrinkage. *Journal of Archaeological Science*, 11(4), 307-325. doi:10.1016/0305-4403(84)90013-X

Sumner-Smith, G. (1966). Observations on epiphyseal fusion of the canine appendicular skeleton. *Journal of Small Animal Practice*, 7(4), 303-311.

Sutton, L. K., Byrd, J. H., & Brooks, J. W. (2018). Age Determination in Dogs and Cats. In J. W. Brooks (Ed.), *Veterinary Forensic Pathology, Volume 2* (pp. 151-163). Cham: Springer International Publishing. doi:10.1007/978-3-319-67175-8_11

Valente, M. J. (1997). A quantificação faunística: principais unidades, alguns parâmetros, regras e problemas. *Estudos do Quaternário*, 1, 83-96.

Whitehead, C. C. (2004). Overview of bone biology in the egg-laying hen. *Poultry Science*, 83(2), 193-199. doi:10.1093/ps/83.2.193

Zeder, M. A. (2006). Reconciling Rates of Long Bone Fusion and Tooth Eruption and Wear in Sheep (Ovis) and Goat (Capra). In D. Ruscillo (Ed.), *Recent Advances in Ageing and Sexing Animal Bones* (pp. 87-118). Oxford: Oxbow Books.

Zeder, M. A., Lemoine, X., & Payne, S. (2015). A new system for computing long-bone fusion age profiles in *Sus scrofa*. *Journal of Archaeological Science*, 55, 135-150. doi:10.1016/j.jas.2014.12.017

8. Anexo A

Dados biométricos

Tabela 7. A1. Osteometria mamíferos (em mm)

Táxon	Anat	GL	GLl	Bp	Bd	Dd / Dl	BT	HTC
<i>Bos</i>	ast		57,4		36,2	31,4		
<i>Bos</i>	ast				49,5			
<i>Bos</i>	ti				72,2	53,2		
<i>Canis</i>	calc	48,9						
<i>Felis</i>	hu				16,5	9,6		5,8
<i>Felis</i>	ra			10,7				
<i>Lepus</i>	hu				10,5	8,3		
<i>Lepus</i>	hu				10,7	8,2		
<i>Oryctolagus</i>	hu				7,0	5,1		
<i>Oryctolagus</i>	hu				6,9	5,0		
<i>Oryctolagus</i>	hu				7,6	5,6		
<i>Oryctolagus</i>	ti				10,8			
<i>Oryctolagus</i>	ti				9,8			
<i>Ovis aries</i>	ast		27,6		17,7			
<i>Ovis aries</i>	ast		29,3		19,0			
<i>Ovis aries</i>	hu				27,9	13,0	26,2	
<i>Ovis aries</i>	hu				30,5	25,7	28,7	14,9
<i>Ovis/Capra</i>	mtc				27,1	17,6		
<i>Ovis/Capra</i>	mtt				23,2	16,2		
<i>Ovis/Capra</i>	ti				27,3	20,7		
<i>Ovis/Capra</i>	ti				29,7	21,6		
<i>Ovis/Capra</i>	ti				27,1	20,7		
<i>Ovis/Capra</i>	ti				23,8	19,1		
<i>Sus</i>	ast		36,8					
<i>Sus</i>	hu						34,4	19,1
<i>Sus</i>	ti				29,4	26,1		

Anatomia: ast = astrágalo; calc = calcâneo; hu = úmero; mtc = metacárpico; mtt = metatársico; ra = rádio; ti = tibia.

Medidas: Bd = (Greatest) breadth of the distal end; BT = medio-lateral width of the distal trochlea; Dl = (Greatest) depth of the lateral half; Dd = (Greatest) depth of the distal end; GL = Greatest length; GLl = Greatest length of the lateral half; HTC = diameter of the distal trochlea at its narrowest point; Bp = (Greatest) breadth of the proximal end. (Fonte: Driesch 1976; Davis 1992).

Tabela 8. A2. Osteometria aves (em mm)

Táxon	Anat	GL	Dip	Bp	SC	Bd	Did	Dd
<i>Gallus</i>	hu	72,4		18,8	6,9	15,3		
<i>Gallus</i>	hu					14,4		
<i>Gallus</i>	hu					15,4		
<i>Gallus</i>	ra	60,1			2,7	6,7		
<i>Gallus</i>	ra	58,0			2,3	5,7		
<i>Gallus</i>	tta					9,1		10,0
<i>Gallus</i>	ul						6,8	
<i>Gallus</i>	ul		11,5	8,1				
<i>Gallus</i>	ul						9,6	

Anatomia: hu = úmero; ra = rádio; tta = tibio-tarso; ul = ulna.

Medidas: Bd = (Greatest) breadth of the distal end; Bp = (Greatest) breadth of the proximal end; Did = (Greatest) diagonal of the distal end; Dip = (Greatest) diagonal of the proximal end from the caudal border of the Olecranon to the cranial border of the Facies articularis lateralis or dorsalis; Dp = (Greatest) depth of the proximal end; GL = Greatest length; SC = Smallest breadth of the corpus. (Fonte: Driesch 1976).

Tabela 9. A3. Odontometria mamíferos (em mm)

Táxon	Anat	L	B	Wa	Wb	Wc
<i>Sus domesticus</i>	M3 inf	32,08		13,37	13,3	11,77
<i>Ovis/Capra</i>	M2 inf	14,24	8,5			
<i>Ovis/Capra</i>	M1 inf	10,27	7,45			
<i>Ovis/Capra</i>	M1 inf	9,65	6,81			

Medidas: B = breadth; L = length; Wa = width of the anterior pillar; Wb = width of the central pillar; Wc = width of the posterior pillar. (Fonte: Driesch 1976; Payne & Bull 1988).

9. Anexo B

Distribuição anatômica dos restos ósseos (principais táxones)

Tabela 10. B1. *Canis familiaris* (cão)

	[13]	[15]	[16]	[18]	[19]	TOTAL
vértebras		1	1		1	3
pélvis				1		1
escápula	1					1
úmero			1			1
metacárpico		2	1	1		4
fémur		1				1
tíbia			1			1
calcâneo			1			1
metatársico		2	1		1	4
metápodos			1			1
falange 1		1	1		1	3
falange 3		1				1
Total	1	8	8	2	3	22

Tabela 11. B2. *Sus cf. domesticus* (porco)

	[3]	[12]	[13]	[14]	[15]	[16]	[18]	[19]	TOTAL
dentes superiores	1	2						2	5
mandíbula					1	1	1		3
dentes inferiores	5	2	1	3	1	3	1	1	17
dentes ND			1			3	1	1	6
escápula					1	2			3
úmero			1					1	2
rádio			1			1			2
ulna						1			1
metacárpico	1		1		1				3
tíbia			1						1
astrágalo								1	1
falange 1		1			1	3			5
falange 2								1	1
Total	7	5	6	3	5	14	3	7	50

Tabela 12. B3. *Bos taurus* (boi/vaca)

	[3]	[12]	[13]	[14]	[15]	[16]	[18]	[19]	TOTAL
maxilar								1	1
dentes superiores			4						4
mandíbula						2	1		3
dentes inferiores				1					1
pélvis					1		2		3
sacrum					1				1
escápula		1					1	1	3
úmero							1		1
rádio			1				3	1	5
cárpicos	1		1			1		2	5
fémur			1		1		1		3
tíbia		1				1	1		3
maléolo							1		1
astrágalo		2	1		2			1	6
calcâneo		1	1				1		3
outros társicos			2						2
falange 1	1								1
falange 2							1		1
falange 3					1				1
Total	2	5	11	1	6	4	13	6	48

Tabela 13. B4. *Ovis aries* / *Capra hircus* (ovelha e/ou cabra)

	[3]	[12]	[13]	[14]	[15]	[16]	[18]	[19]	TOTAL
cornos		1							1
dentes superiores			1			2	2	1	6
mandíbula		1			1	1			3
dentes inferiores			3	3		1	1		8
dentes ND	3	2		1		1			7
vértebras				1				1	2
pélvis	1			1	4		1		7
escápula		1		1	2	1	1		6
úmero			1		3			2	6
rádio		2			2		1	1	6
ulna		1		1					2
metacárpico	1	1							2
fémur		1			2				3
tíbia			3	2	1		1		7
astrágalo	1					2			3
calcâneo				1	1				2
outros társicos	1							1	2
metatársico					1	1	1		3
metápodos		2			2				4
falange 1					1	1	1		3
falange 2	1					2			3
Total	8	12	8	11	20	12	9	6	86